

Os usos do *agora* em elocuições formais e em entrevistas orais*

The uses of *agora* in formal speeches and in interviews

Juliano Desiderato Antonio
Universidade Estadual de Maringá – UEM

Resumo

Neste trabalho, pretende-se investigar os usos do *agora* com base em uma orientação funcionalista em um *corpus* formado por 10 elocuições formais e por 10 entrevistas orais. O item *agora* é analisado em dois planos de funcionamento distintos: como advérbio de tempo e como marcador discursivo. Quanto à primeira categoria, a análise é fundamentada na descrição dos advérbios circunstanciais de tempo apresentada por Neves (1992), que aponta os seguintes usos do *agora*: neste momento; na época atual; neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este; no momento ou período imediatamente anterior a este; nos últimos tempos. Por outro lado, a análise do *agora* como marcador discursivo parte do estudo de Risso (1993), segundo o qual a atuação do *agora* se dá na articulação da estruturação tópica, promovendo abertura de tópico ou encaminhamento de tópico. Por fim, são verificadas as funções exercidas por esse marcador no estabelecimento de relações entre partes do texto, tomando como base a Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST).

Palavras-chave

Advérbios circunstanciais de tempo, Marcadores discursivos, Estrutura Retórica do Texto

Abstract

The aim of this paper is to investigate the uses of *agora* from a functionalist perspective in a *corpus* of 10 formal speeches and 10 interviews. Grammatical item *agora* is analyzed in two distinct functional levels: as time adverb and as discourse marker. Regarding the first category, the analysis is based on a descriptive study by Neves (1992) of time adverbs in Brazilian Portuguese. According to Neves (1992), adverb *agora* has the following uses: at this moment; at this time; at this moment or at this time, lasting to the time right after this; at the moment or time right before this; over the last times. On the other hand, the analysis of *agora* as a discourse marker is based on Risso (1993), which explains the functions of *agora* in the topic structuring, opening a new topic or signaling a change in discourse topic orientation. At last, based on Rhetorical Structure Theory (RST), this paper analyzes the functions of *agora* as a discourse marker in establishing rhetorical relations among parts of texts.

Keywords

Time adverbs, Discourse markers, Rhetorical Structure Theory

Introdução

Não é de hoje que diversas correntes no campo dos estudos linguísticos vêm ressaltando a necessidade de se considerar como objeto de análise o texto, e não simplesmente a frase ou algum elemento gramatical da língua fora de seu contexto de uso (KOCH, 1988). Ao considerarem essencial a função dos elementos linguísticos na comunicação, as chamadas teorias funcionalistas têm ido além do nível da frase, uma vez que incluem em suas análises o componente pragmático (DIK, 1989). Assim, as expressões linguísticas não são estudadas isoladamente, mas levando-se em conta os propósitos para os quais foram utilizadas nos textos em que ocorrem. Além disso, as teorias funcionalistas reconhecem a importância do discurso e das relações contextuais, considerando que a comunicação não se dá por meio de frases, mas sim por meio do “discurso multiproposicional, organizado em estruturas que reconhecemos como caracterizando conversações, palestras, encontros de comitês, cartas formais e informais dentre outras”¹ (BUTLER, 2003, p. 28).

Neste trabalho, pretende-se investigar os usos de *agora* com base em uma orientação funcionalista em um *corpus* formado por 10 elocuições formais e por 10 entrevistas orais. Para isso, o item *agora* é analisado em dois planos de funcionamento distintos: como advérbio de tempo, como no exemplo (1), e como marcador discursivo (de agora em diante, MD), como no exemplo (2).

- (1) .. a primeira que a gente coloca como exemplo é a mudança do tempo,
.. que:: tem diferença entre alguém que fala **agora**,
.. e alguém que falava há duas décadas atrás,²
- (2) .. LER é uma coisa prazer::sa ... tal,
.. estudar é uma coisa prazerosa.
.. **agora** ESCREVER já:: ... faço por obrigação e pressionado.

No exemplo (1), observa-se que o *agora* indica uma circunstância temporal, ao passo que, no exemplo (2), esse item tem função de estabelecer algum tipo de relação de sentido entre os enunciados anteriores e o enunciado subsequente.

Quanto à primeira categoria, a análise será fundamentada na descrição dos advérbios circunstanciais de tempo apresentada por Neves (1992; 2000). Por sua vez, a análise do *agora* como MD partirá do estudo de Risso (1993) para, então, verificar as funções exercidas por esse marcador no estabelecimento de relações entre partes do texto, tomando como base a Teoria da Estrutura Retórica do Texto (*Rhetorical Structure Theory*, de agora em diante, RST), teoria funcionalista norte-americana que procura descrever a organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem em suas partes.

No que diz respeito à organização, este trabalho trará, antes da análise dos dados propriamente dita, alguns pressupostos sobre o Funcionalismo em Linguística, sobre a RST, sobre os estudos a respeito do *agora* realizados por Neves (1992; 2000) e por Risso (1993), além de uma breve descrição da metodologia empregada na coleta e na análise dos dados.

O Funcionalismo em Linguística: alguns pressupostos básicos

Apesar da diversidade de teorias que compõem o chamado “paradigma funcionalista” nos estudos da linguagem, todos esses modelos têm em comum o fato de considerarem essencial para o estudo da língua a função dos elementos linguísticos na comunicação (BUTLER, 2003; NEVES, 1997; VAN VALIN, 2002). É importante ressaltar que, quando se diz que o funcionalismo considera que a língua tem função primordialmente comunicativa, o conceito de comunicação não se restringe à codificação e à transmissão de informação, mas compreende todos os fatores envolvidos no evento de fala. Na Gramática Funcional de Dik (1989, p. 3), por exemplo, as regras fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas que “governam a constituição da expressão linguística são vistas como instrumentais” em relação às regras pragmáticas que “governam os padrões de interação verbal em que essas expressões linguísticas são usadas”.³ Para Dik (1989, p. 13),

expressões linguísticas não podem ser consideradas objetos isolados, como instrumentos que são usados por um falante para evocar no destinatário uma interpretação desejada, em um contexto definido por expressões precedentes e em um cenário definido por parâmetros essenciais da situação de fala.⁴

Na Gramática Sistêmico-Funcional de M. A. K. Halliday (*Systemic Functional Grammar*, de agora em diante, SFG), as análises levam em conta não apenas os traços linguísticos do texto em relação ao contexto de produção, mas também a situação comunicativa e o contexto cultural. Esse modelo estabelece três metafunções para explicação dos componentes essenciais do sentido na língua: a ideacional e a interpessoal, que estão relacionadas a fenômenos externos à língua, e a textual, que é intrínseca à língua (MATTHIESSEN & HALLIDAY, 1997, p. 10). Essas metafunções são realizadas linguisticamente por meio de sistemas gramaticais.

A metafunção ideacional diz respeito aos recursos gramaticais utilizados para construir tanto as experiências interiores do falante quanto as experiências com o mundo ao seu redor. O sistema de transitividade é um dos principais recursos linguísticos utilizados para a realização dessa metafunção. Cada “experiência” do falante é construída com base em uma configuração que consiste de um processo (verbo), dos participantes desse processo (argumentos) e das circunstâncias relativas ao processo, como no exemplo (3) a seguir:

(3) .. **agora** [o homem] joga esse óleo na comida.

Essa oração tem dois participantes com papéis distintos: o *homem*, que realiza a ação, e o *óleo*, que sofre a ação. Também há um predicado (*jogar*) que se refere à ação realizada pelo primeiro participante, um elemento que indica a direção na qual o segundo participante foi movido (*na comida*), além de um elemento que localiza o evento temporalmente (*agora*).

A função interpessoal está relacionada aos recursos gramaticais utilizados pelo falante para interagir com seus interlocutores, assumindo papéis sociais e papéis que dizem respeito à situação comunicativa. O sistema de modo é uma das principais formas de realização dessa metafunção. Para Matthiessen & Halliday (1997, p. 6), no sistema de modo, “o sentido tem a ver com a negociação de papéis na fala: declaração x pergunta (troca de informações), ordem x oferecimento (troca de bens e serviços)”.⁵

Por fim, a metafunção textual trata da apresentação do conteúdo interpessoal e ideacional na forma de informações que podem ser compartilhadas pelo falante e por seus interlocutores em textos adequados à situação de uso. Por meio da função ideacional, cria-se um referente mental dos argumentos que podem participar de um determinado processo; por meio da função interpessoal, tem-se ideia dos papéis assumidos pelo falante e por seus interlocutores (quem dá ordens, quem recebe conselhos, quem faz pedidos, quem autoriza, etc.), mas é a função textual que instrumentaliza a apresentação desses conteúdos por meio de estratégias que permitem ao falante guiar seu(s) interlocutor(es) na interpretação do texto.

A Teoria da Estrutura Retórica do Texto (RST)

A RST é uma teoria descritiva que tem por objeto o estudo da organização dos textos, caracterizando as relações que se estabelecem entre as partes do texto (MANN & THOMPSON, 1988; MANN, MATTHIESSEN & THOMPSON, 1992). Parte do princípio de que as relações retóricas que se estabelecem no nível discursivo organizam desde a coerência dos textos até a combinação entre orações (MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988).

De acordo com a RST, além do conteúdo proposicional explícito veiculado pelas orações de um texto, há proposições implícitas, chamadas *proposições relacionais*, que surgem das relações que se estabelecem entre porções do texto. Para Mann & Thompson (1983), as proposições relacionais permeiam todo o texto, desde as porções maiores até as relações estabelecidas entre duas orações. De acordo com a teoria, são essas relações que dão coerência ao texto, conferindo unidade e permitindo que o produtor atinja seus propósitos com o texto que produziu.

Uma lista de aproximadamente vinte e cinco relações foi estabelecida por Mann e Thompson (1987), após a análise de centenas de textos, por meio da RST. Essa lista não representa um rol fechado, mas um grupo de relações suficiente para descrever a maioria dos textos. As funções globais das relações podem ser divididas em dois grandes grupos: a) funções que dizem respeito ao assunto, que têm como efeito levar o enunciatário a reconhecer a relação em questão; b) funções que dizem respeito à apresentação da relação, que têm como efeito aumentar a inclinação do enunciatário a agir de acordo com o conteúdo do núcleo, concordar com o conteúdo do núcleo, acreditar no conteúdo do núcleo ou aceitar

o conteúdo do núcleo. No que diz respeito à organização, as relações podem ser divididas em dois tipos:

- a) relações núcleo-satélite, em que uma porção do texto (satélite) é ancilar da outra (núcleo), como na figura 1, na qual um arco vai da porção que serve de subsídio para a porção que funciona como núcleo;



FIGURA 1 - Esquema de relação núcleo-satélite

- b) relações multinucleares, nas quais uma porção do texto não é ancilar da outra, sendo cada porção um núcleo distinto, como na figura 2.



FIGURA 2 - Esquema de relação multinuclear

A identificação das relações pelo analista se baseia em julgamentos funcionais e semânticos, que buscam identificar a função de cada porção de texto, e verificar como o texto produz o efeito desejado em seu possível receptor. Esses julgamentos são de plausibilidade, pois o analista tem acesso ao texto, tem conhecimento do contexto em que o texto foi produzido e das convenções culturais do produtor do texto e de seus possíveis receptores, mas não tem acesso direto ao produtor do texto ou aos seus possíveis receptores, de forma que não pode afirmar com certeza que esta ou aquela análise é a correta, mas pode sugerir uma análise plausível (MANN E THOMPSON, 1987; 1988). Embora pesquisas demonstrem que as relações não precisam ser expressas necessariamente por alguma marca formal como um MD ou um conectivo (TABOADA, 2006), neste trabalho, serão investigadas as relações que podem ser estabelecidas por meio do *agora* enquanto MD.

Agora: advérbio circunstancial de tempo e marcador discursivo

Os trabalhos sobre o *agora* contemplam dois planos nos quais esse item pode funcionar: como advérbio circunstancial de tempo e como MD.

No que diz respeito à primeira categoria, Neves (1992, p. 278-279; 2000, p. 266) apresenta uma descrição de cinco usos do *agora*: *agora* “neste momento” – exemplo (4), *agora* “na época atual” – exemplo (5), *agora* “neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este” – exemplo (6), *agora* “no momento/ período imediatamente anterior a este” – exemplo (7), *agora* “nos últimos tempos”⁶.

- (4) .. mas que pra nós aqui **agora** que estamos começa::ndo a ver suspensões,
 .. nós não vamos entrar fundo nisso,
 .. tem que saber que existe,
- (5) .. só que .. eu vejo que nós ainda estamos entrando em/ a população brasileira tá entrando no fast food,
 .. e urgentemente o governo brasileiro tem que tomar providências a respeito disto,
 .. campanhas publicitárias .. alguma forma .. sabe:: .. de melhorar isso,
 .. já começou a ser feito com a:: a a:: .. Anvisa,
 .. **agora** regulamentando a merenda escolar e a questão do trans no rótulo dos alimentos,
- (6) vamos ver **agora** alguns aspectos físico-químicos .. das suspensões,
- (7) .. mas ... com todo problema que nós temos com a Argentina no futebol .. né.
 .. éh:: mas a Argentina é um país inclusive mais rico do que o Brasil .. né.
 .. ainda éh o/esses dias:: **agora** saiu o indica/ os novos indicadores né,
 ... sobre a situação do Bra/ da:: dos países né o PIB dos países,
 .. a Argentina tem uma renda per capita de quatorze mil.
 ... o Brasil tá na faixa dos oito ... né.

Embora seja difícil encontrar uma definição satisfatória para o que sejam os MDs, o *agora* pode ser incluído nessa categoria, uma vez que é utilizado pelos

falantes da língua não apenas como advérbio de tempo, mas também com função discursiva, sinalizando que há algum tipo de relação entre as porções de texto ligadas por ele. A questão da dificuldade de se encontrar uma definição, segundo Taboada (2006), utilizando palavras de Fraser (1999, p. 32) está relacionada ao fato de o campo de estudo dos MDs ter se tornado “uma indústria em crescimento na Linguística”. Nesse sentido, Schifrin (2001) apresenta três abordagens diferentes que têm sido empregadas no tratamento dos MDs: abordagem semântica, abordagem discursiva e abordagem pragmática. Como o objetivo deste trabalho não é realizar uma discussão sobre a definição do que seja um MD, adota-se o conceito apresentado por Riso, Silva & Urbano (2002, p. 21): “... amplo grupo de elementos de constituição bastante diversificada (...), aos quais se pode atribuir homogeneamente a condição de uma categoria pragmática bem consolidada no funcionamento da linguagem”.

A atuação do *agora* como MD, segundo Riso (1993), se dá na articulação da estruturação tópica, promovendo abertura de tópico ou encaminhamento de tópico. No primeiro caso, o *agora* é utilizado pelo falante para sinalizar para seu interlocutor o início de um novo tópico, como no exemplo (8), em que o falante, após mencionar as características da gordura vegetal hidrogenada, passa a tratar das consequências do consumo desse tipo de gordura. No segundo caso, o falante utiliza o *agora* para sinalizar para seu interlocutor uma mudança de orientação no interior do tópico discursivo, como no exemplo (9), em que o falante, ao tratar da padronização da linguagem matemática, contrasta as consequências de se utilizar e de não se utilizar adequadamente a maneira usual de se escrever na matemática.

- (8) .. e o que que essa gordura vegetal hidrogenada tem?
.. ela é riquíssima em trans,
.. ela é praticamente puro trans,
.. vamos dizer assim.
.. então homem concentrou.
.. **agora** vai te fazer mal você comer essa gordura de origem animal trans?
.. não,
.. existem estudos que comprovam que a gordura trans de origem animal
ela é benéfica pra saúde,

- (9) .. então a gente tem que .. preferencialmente .. escrever .. a maneira que é .. USUAL dentro da matemática,
.. por quê?
.. o dia que você né .. precisa::r fazer uma consulta,
.. num livro lá .. no meio/ no capítulo dez no livro,
.. você abre o livro lá e tal,
.. e tá cheio de símbolos aquelas coisas e tal.
.. ai você abre o livro,
.. você tando por dentro da linguagem matemática,
.. você:: .. pega o livro,
.. tá no capítulo dez,
.. mas você começa a ler,
.. e entende.
.. **agora** .. se você escreve de um jeito,
.. tudo sem prestar atenção,
.. você não domina a linguagem matemática,
.. o que acontece?
.. você pra entender o capítulo dez,
.. vai ter que ler os dez primeiros do livro.

Procedimentos para coleta e quantificação dos dados

As 10 elocuições formais e as 10 entrevistas orais que constituem o *corpus* deste trabalho fazem parte do *corpus* do Funcpar (Grupo de Pesquisas Funcionalistas do Norte/ Noroeste do Paraná) e sua coleta seguiu alguns critérios.

Os informantes das entrevistas são professores universitários de Maringá (PR) que nasceram na cidade ou residem nela há mais de 10 anos. Para que esses informantes apresentassem um comportamento linguístico mais espontâneo durante a entrevista, solicitou-se previamente a cada um deles um artigo científico de sua autoria. Após a leitura do texto, o pesquisador elaborou perguntas sobre o processo de produção do texto em si e sobre os temas tratados no artigo. Observou-se que esse procedimento possibilitou um maior envolvimento dos

informantes com o conteúdo do que estavam falando, diminuindo-se o efeito “intimidatório” que o gravador geralmente causa aos entrevistados.

Os informantes das elocuições formais são professores de ensino superior, de ensino médio e alunos de cursos de graduação. Assim como nas entrevistas, os informantes também nasceram na cidade ou residem nela há mais de 10 anos. As gravações foram feitas durante aulas e durante apresentações de trabalho, motivo pelo qual se espera um certo grau de formalidade nos textos no que diz respeito ao uso do português considerado “culto”. Outras características que devem ser destacadas nesses textos são os papéis e a posse do turno fixados previamente (KOCH & SOUZA e SILVA, 1996). Por isso, há poucas marcas de interação, o professor ou apresentador de trabalho em geral responde a perguntas feitas pelos alunos ou pela audiência. Esses textos também têm um início bem marcado com a apresentação dos objetivos da aula ou do trabalho, bem como um encerramento no qual os objetivos da aula seguinte são antecipados, como pode ser observado nos exemplos (10) e (11) a seguir:

(10) **bom na AUla passada né:: nós fizemos o experimento determinação do nível operante e treino ao bebedouro .. certo?**

e:: aí vo::cês éh:: ... vocês registraram naquela folha de registro os/ o que:: vocês obserVaram ... né,

... então os dados foram coleTAdos .. a respeito do experimento que foi realizado né,

... entÃO HOje nós vamos/ eu vou estar passando para vocês ... éh:: o relatório que vai ter que ser FEItO,

... é o trabalho que vocês vão ter que fazer agora com os dados que foram coletados .. tá?

(11) .. e pra isso .. é .. PRIImordial nós estudarmos o comportame::nto bioló::gico .. da suspensão.

.. a re::ologia da suspensão.

... o que é isso?

.. nós vamos deixar pro próximo capítulo,

.. pra próxima aula tá?

.... ah:: gente eu tava esquecendo,

.. óh:: .. presta atenção só um pouquinho.

- .. as suspensões .. eu mandei pra vocês por *e-mail* .. os *slides*.
- .. aqui tem .. o roteiro da aula o programa da aula,
- .. e tem xerox,
- .. são quatro cinco .. capítulos .. de livros modernos sobre suspensões.

Além disso, podem ser encontrados marcadores “meta-pedagógicos” como *certo?* e de referência ao saber já internalizado pelos alunos ou pela audiência, como pode ser observado nos exemplos (12) e (13) a seguir:

- (12) .. observe que isso aqui é o PRODUTO,
.. então tem que usar a fórmula da derivada do produto,
.. então presta atenção como eu vou fazer,
.. eu vou deriva PRIME::IRO o cosseno.

... certo?

- (13) .. então .. se:: não simplificar,
.. já sabe né,
.. errar em conta .. né::?

No que diz respeito à quantificação dos dados, utilizou-se o programa *Systemic Coder*, versão 4.5. Desenvolvido por Mick O’Donnel e disponível para *download* no site www.wagsoft.com, o programa facilita a codificação de dados, permitindo ao usuário criar uma rede sistêmica hierárquica de traços linguísticos. Após a segmentação dos dados a serem analisados, cada segmento é apresentado ao usuário, que seleciona na tela do computador os traços pertinentes àquele segmento. É importante que se observe que o *Systemic Coder* parte do pressuposto de que os elementos linguísticos estão linearmente colocados, tal como propõem a SFG e a RST.

O esquema sistêmico criado para a análise dos dados deste trabalho é representado na figura 3 a seguir:

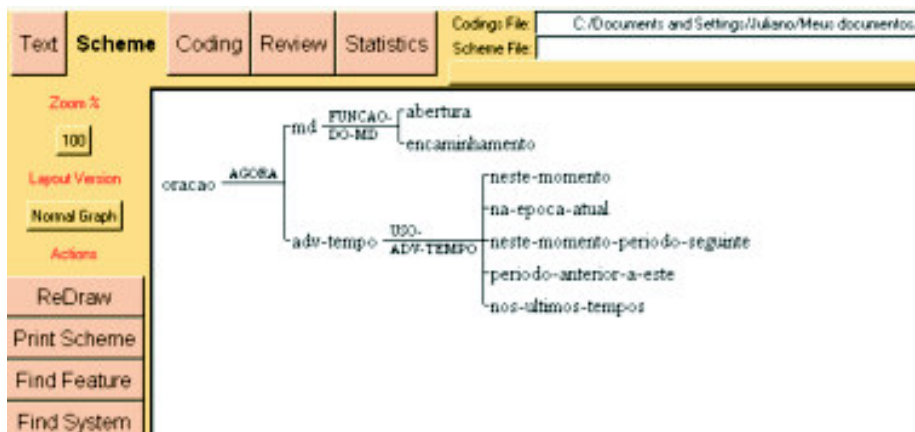


FIGURA 3 – Esquema de codificação utilizado na pesquisa

O esquema define a ordem em que aparecerão os traços linguísticos para codificação dos dados e as opções subsequentes às escolhas iniciais. A primeira opção que o programa dá ao analista é selecionar em que plano de funcionamento se situa a ocorrência do *agora* a ser analisada, como pode ser observado na figura 4 a seguir:

FIGURA 4 – Tela do *Systemic Coder* – plano de funcionamento do *agora*: MD ou advérbio de tempo

Na janela *Text*, o programa apresenta a ocorrência a ser codificada. O analista deve verificar se a ocorrência do *agora* se situa no plano de funcionamento como MD ou como advérbio de tempo. Caso o analista julgue que

se trata de uma ocorrência do *agora* atuando como MD e selecione essa opção, o programa passa à próxima tela, na qual o analista deverá julgar se o MD *agora* promove abertura ou encaminhamento do tópico, como pode ser observado na figura 5 a seguir:



FIGURA 5 – Tela do *Systemic Coder* – atuação do MD *agora*: abertura ou encaminhamento de tópico

Por outro lado, caso o analista julgue que, na ocorrência em questão, o *agora* atua como advérbio de tempo e selecione essa opção, o programa irá disponibilizar a tela a seguir (FIG. 6), na qual o analista deverá escolher de qual uso do *agora* advérbio de tempo se trata.

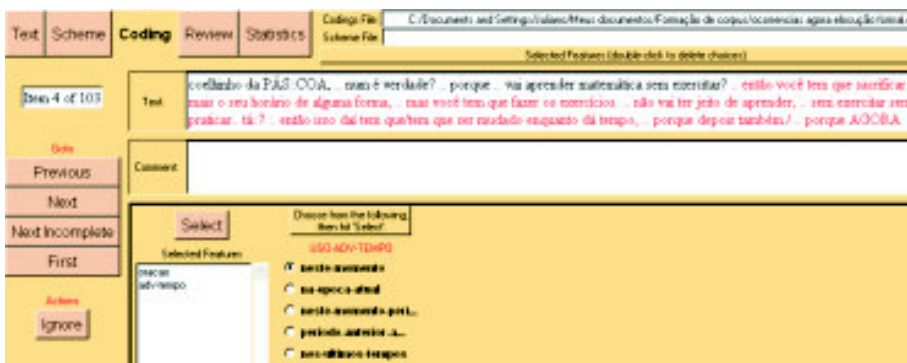


FIGURA 6 – Tela do *Systemic Coder* – usos do *agora* advérbio de tempo

Ao final da codificação, os dados são apresentados estatisticamente, como na figura 7, podendo ser cruzados ou exportados para outros programas estatísticos.

The screenshot shows the 'Statistics' window of the Systemic Coder software. The window title is 'C:\Documents and Settings\jilene\Favorites\documentos\Fonologia de copula locativa e agora entrevista.cdf'. The interface includes tabs for 'Text', 'Scheme', 'Coding', 'Review', and 'Statistics'. Below the tabs, there are options for 'Type' (set to 'Descriptive'), 'Counting' (set to 'Global'), and a checkbox for 'Only use codings which match'. A 'Gal' button and a 'Save Results' button are also visible. The main area contains a table with the following data:

System	Feature	N	Mean
AGORA	md	13	38,2%
	adv-tempo	21	61,8%
FINCAO-DO-MD	abertura	7	20,6%
	escoamento	6	17,6%
URO-ADV-TEMPO	nesto-momento	3	8,8%
	na-epoca-atual	14	41,2%
	nesto-momento-perio	1	2,9%
	periodo-anterior-a-	3	8,8%
	nos-ultimos-tempos	0	0,0%

FIGURA 7 – Tela do *Systemic Coder* – resultados da codificação

Análise dos dados

Os resultados relativos à frequência de ocorrência do *agora* como MD e como advérbio de tempo são apresentados no quadro 1 a seguir:

QUADRO 1
Frequência de ocorrência do *agora* como MD e como advérbio de tempo

	ENTREVISTAS ORAIS		ELOCUÇÕES FORMAIS	
	N	%	N	%
<i>agora</i> MD	13	38,2%	23	22,3%
<i>agora</i> advérbio de tempo	21	61,8%	80	77,7%
Total	34	100%	103	100%

Como pode ser observado no quadro 1, os informantes desta pesquisa demonstram preferência pelo uso do *agora* como advérbio de tempo. A frequência de ocorrência é de 61,8% nas entrevistas orais e de 77,7% nas elocuições formais.

No que diz respeito às ocorrências do *agora* atuando como advérbio de tempo, as frequências de ocorrência dos diferentes usos são apresentadas no quadro 2 a seguir:

QUADRO 2
 Frequência de ocorrência dos diferentes usos do *agora* advérbio de tempo

	ENTREVISTAS ORAIS		ELOCUÇÕES FORMAIS	
	N	%	N	%
<i>Agora</i> “neste momento”	3	14,29	24	30
<i>Agora</i> “na época atual”	14	66,66	6	7,5
<i>Agora</i> “neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este”	1	4,76	46	57,5
<i>Agora</i> “no momento/ período imediatamente anterior a este”	3	14,29	4	5
<i>Agora</i> “nos últimos tempos”	0	0	0	0
Total	21	100 %	80	100 %

Por meio do quadro 2, pode-se observar que, nas entrevistas orais, o uso mais frequente do *agora* é o de “na época atual” (66,66%). Esses dados podem ser atribuídos ao gênero em estudo. Como os informantes, ao longo da entrevista, tratavam de uma pesquisa que haviam realizado, faziam referência a fatores atuais que foram relevantes para as conclusões a que chegaram, como pode ser observado nos exemplos (14) e (15) a seguir:

- (14) .. a criança tá sendo:: reinserida nos la::res,
 .. ou mesmo abrigada nas ru::as,
 .. porque **agora** tem essa política da:: do abrigo em ru::as mesmo e tudo mais,
 .. assistência à criança que:: não tem teto etc,
- (15) .. isso chegou a 1 pra 50 .. em alguns países como os Estados Unidos na época do *fast food* .. # final da década de 90,
 .. onde o *fast food* tava:: no auge nos Estados Unidos,
 .. **agora** eles estão mudando a mentalidade.

No exemplo (14), o informante utiliza o *agora* ao fazer referência às políticas atuais do governo de assistência à criança. No exemplo (15), o informante faz referência à mudança de mentalidade que está ocorrendo

atualmente nos Estados Unidos da América em relação ao *fast food*. O interlocutor é localizado temporalmente por meio do *agora*.

Ainda nas entrevistas orais, observa-se que é baixa a frequência de ocorrência do *agora* com os usos de “neste momento” ou referindo-se ao momento posterior à fala e ao momento imediatamente anterior à fala (14,29%, 4,76% e 14,29%, respectivamente). Esses dados também são motivados pelo gênero em questão. A hipótese que se defende neste trabalho é que, em função do processo de produção do tipo de entrevista que foi realizada, os informantes fizeram poucas referências à situação comunicativa e fizeram mais referências à época atual, reforçando a relevância de suas pesquisas para a contemporaneidade.

Nas elocuições formais, observa-se uma situação inversa: apenas 7,5% das ocorrências do *agora* advérbio de tempo fazem referência à época atual. As frequências de ocorrência mais altas são do *agora* “neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este” (57,5%) e do *agora* “neste momento” (30%). Novamente, recorre-se ao processo de produção para a explicação desses dados. Como pode ser observado nos exemplos a seguir, o *agora* é utilizado pelo informante na condução da aula ou da apresentação do trabalho, indicando o que será feito no momento seguinte – exemplos de (16) a (19), ou o que deve ser feito no momento da enunciação – exemplos de (20) a (22).

- (16) .. então isso daqui vai me dar .. menos dois a x,
 ..seno de dois x,
 .. **agora** eu vou derivar o x::,
 .. quanto é que dá?
 .. a:: ..cosseno de dois x,
- (17) .. então **agora** vamos procurar .. quem é a solução .. particular.
- (18) vamos ver **agora** alguns aspectos físico-químicos .. das suspensões,
- (19) ... e::sse prime::iro relató::rio meninos e meninas .. não é um relatório comple::to .. tá?
 .. eu já coloquei isso pra vocês anteriormente,
 .. vocês irão aprender **agora** pela técnica da modelagem,
 .. por passos,

- .. nós não vamos pedir uma tare::fa comPLEta.
 .. vocês vão fazer .. éh:: ou .. completar essa tarefa aos poucos,
- (20) .. bom .. então não sei se vocês trouxeram aquelas folhinhas .. de registro né,
 .. porque:: elas serão necessárias,
 .. não aqui **agora**,
 .. na elaboração do relatório.
- (21) .. mas que pra nós aqui **agora** que estamos começa::ndo a ver suspensões,
- (22) .. então aqui vai dar.. a:: x ao cubo elevado a x.
 .. **agora** deriva o x ao cubo,
 .. quanto que vai dar?

Nos exemplos de (16) a (19), como pode ser observado, na indicação do “momento ou período seguinte a este”, além do *agora*, os informantes utilizaram também formas verbais no futuro. Já nos exemplos (20) e (21), o *agora* foi utilizado para fazer referência ao momento da enunciação, acompanhado do advérbio de lugar *aqui*. É interessante observar que, no exemplo (20), estabeleceu-se, por meio do *aqui* e do *agora*, um contraste com um período posterior (“elaboração do relatório”) em que as “folhinhas de registro” serão necessárias. No exemplo (22), o informante utiliza o *agora* para localizar temporalmente no momento da enunciação a atividade que ele está realizando (derivar o *x* ao cubo).

Em relação às ocorrências do *agora* atuando como MD, as frequências de ocorrência desse marcador na abertura e no encaminhamento de tópico são apresentadas no quadro 3 a seguir.

QUADRO 3
 Frequência de ocorrência do MD *agora* atuando na abertura
 e no encaminhamento de tópico

	ENTREVISTAS ORAIS		ELOCUÇÕES FORMAIS	
	N	%	N	%
Abertura de tópico	7	53,85	12	52,17
Encaminhamento de tópico	6	46,15	11	47,83
Total	13	100	23	100%

Observa-se, no quadro 3, que o MD *agora* apresenta frequências de ocorrência semelhantes nas entrevistas orais e nas elocuições formais. Em ambos os gêneros, os informantes utilizaram o MD *agora* na abertura de tópico (53,85% nas entrevistas orais e 52,17% nas elocuições formais) com frequência pouco mais alta do que no encaminhamento de tópico (46,15% nas entrevistas orais e 47,83% nas elocuições formais).

Analisando-se as funções do MD *agora* à luz da RST, verificou-se que, ao atuar na abertura de tópico, o *agora* estabelece relação de elaboração entre uma porção de texto que funciona como núcleo e uma porção de texto que funciona como satélite e, ao atuar no encaminhamento de tópico, o *agora* estabelece relação de contraste entre porções de texto multinucleares. As definições das relações de elaboração e de contraste podem ser observadas nos quadros 4 e 5 a seguir, respectivamente.

QUADRO 4
Definição da relação de preparação

Nome da relação	Restrições sobre o núcleo ou sobre o satélite individualmente	Restrições sobre núcleo + satélite	Intenção do falante
Elaboração	Nenhuma	O satélite apresenta detalhes adicionais sobre a situação ou sobre algum elemento do assunto que é apresentado no núcleo ou é acessível inferencialmente no núcleo em uma ou mais das maneiras listadas a seguir. Na lista, se o núcleo apresenta o primeiro membro de qualquer par, então o satélite inclui o segundo. grupo :: membro abstração :: instância todo :: parte processo :: passo objeto :: atributo generalização:: específico.	O destinatário reconhece o satélite como fornecendo detalhes adicionais para o núcleo. O destinatário identifica o elemento do assunto para o qual o detalhe é fornecido.

QUADRO 5
Definição da relação de preparação

Nome da relação	Restrições sobre cada par de núcleos	Intenção do falante
Contraste	Não mais do que dois núcleos; as situações nesses núcleos são (a) compreendidas como semelhantes em vários aspectos; (b) compreendidas como diferindo em alguns aspectos e (c) comparado com respeito a uma ou mais dessas diferenças.	O destinatário reconhece a comparabilidade e as diferenças levantadas pela comparação sendo feita.

Na figura 8 a seguir, pode-se observar um diagrama da estrutura retórica em que o MD *agora* é utilizado pelo falante para realizar abertura de tópico.

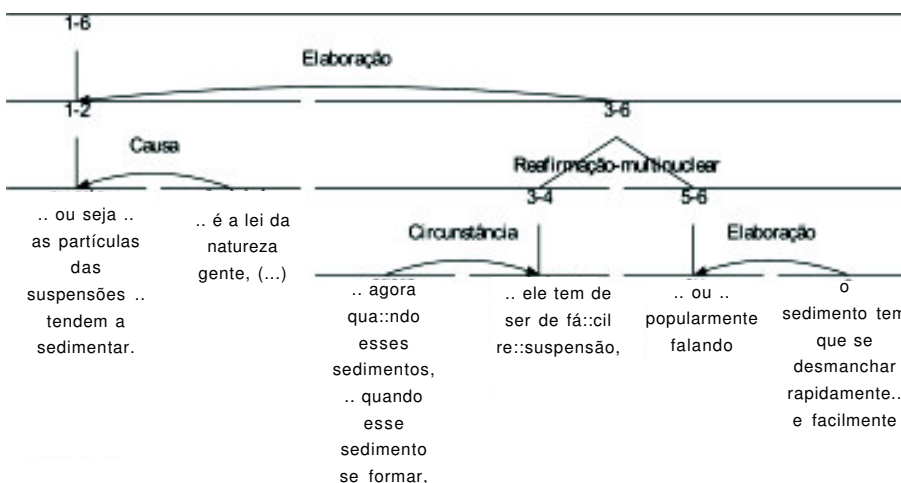


FIGURA 8 – Diagrama da estrutura retórica – abertura de tópico pelo MD *agora*

No exemplo da figura 8, retirado de uma elocução formal, as unidades de 3 a 6 formam o novo tópico, que funciona como satélite da porção de texto constituída pelas unidades 1 e 2. Nessa primeira porção de texto, que funciona como núcleo, o falante afirma, na unidade 1, que “as partículas das suspensões tendem a se sedimentar”. A causa para isso é apresentada na unidade 2 (“a lei da natureza”). No satélite (unidades de 3 a 6), o novo tópico parte da informação

dada no tópico anterior (haverá formação de sedimento) para assentar a informação nova de que o sedimento formado deverá ser de fácil ressuspensão. Esse acréscimo de informação, portanto, fornece subsídio para que se considere plausível que a porção de texto formada pelas unidades de 3 a 6 estabelece relação de elaboração com a porção de texto constituída pelas unidades 1 e 2. Ainda no que diz respeito à análise do diagrama da estrutura retórica do exemplo 8, na unidade 3, encontra-se uma oração adverbial temporal funcionando como satélite que estabelece relação de circunstância com a unidade 4, o núcleo. A unidade 6 acrescenta detalhes sobre o conteúdo da unidade 5 e, por isso, estabelece com ela relação de elaboração. Deve-se observar que a porção de texto formada pelas unidades 5 e 6 constitui outra maneira de se expressar o conteúdo das unidades 3 e 4. Assim, considera-se a existência de dois núcleos; o segundo núcleo (unidades 5 e 6) reafirma em outras palavras o conteúdo do primeiro (unidades 3 e 4).

No exemplo da figura 9 a seguir, retirado de uma entrevista oral, as unidades de 3 a 6 constituem um novo tópico que acrescenta ao núcleo (unidades 1 e 2) uma informação considerada “curiosa” pelo falante: o fato de que há, por um lado, personagens históricos preocupados com a expansão da fé e, por outro lado, personagens históricos que buscam apenas o lucro sem nenhuma preocupação com a fé. É justamente esse acréscimo de informação que confere plausibilidade à análise na qual a porção de texto formada pelas unidades de 3 a 6 estabelece relação de elaboração com a porção de texto formada pelas unidades 1 e 2. No que diz respeito às demais relações que aparecem no diagrama, as unidades 5 e 6 trazem duas características de um dos tipos de colonizadores mencionados pelo informante: esses colonizadores vêm em busca do lucro e não se preocupam com a fé. Essas informações são apresentadas por meio da relação multinuclear de lista, uma vez que são tratadas de forma semelhante pelo entrevistado. Essas características desse tipo de colonizador são colocadas em oposição com o outro tipo de colonizador mencionado pelo informante (o que se preocupa com a expansão da fé), motivo pelo qual a relação que se estabelece entre a unidade 4 e as unidades 5 e 6 é a de contraste. A unidade 3, por sua vez, apresenta a moldura temporal em que esses dois tipos de personagens aparecem: a época da colonização, motivo pelo qual essa unidade estabelece relação de circunstância com as unidades de 4 a 6.

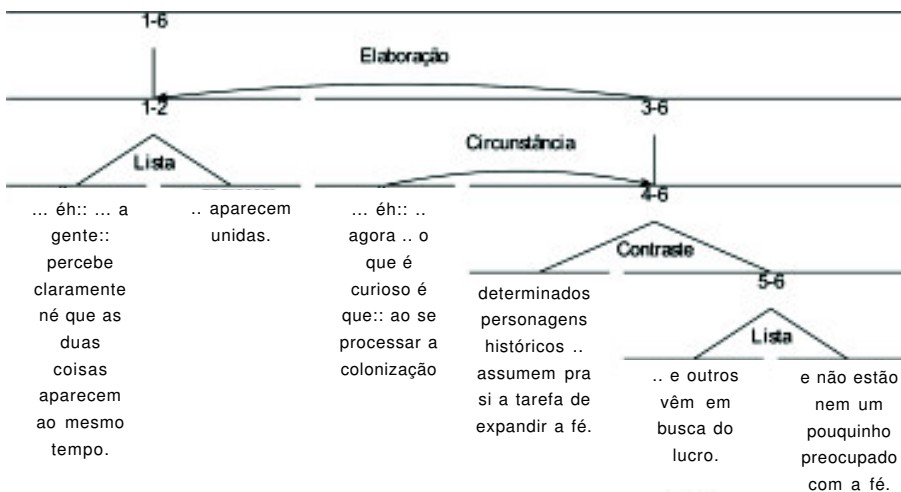


FIGURA 9 – Diagrama da estrutura retórica – abertura de tópico pelo MD *agora*

Na figura 10, pode-se observar o uso do MD *agora* estabelecendo relação de contraste no encaminhamento de um tópico.

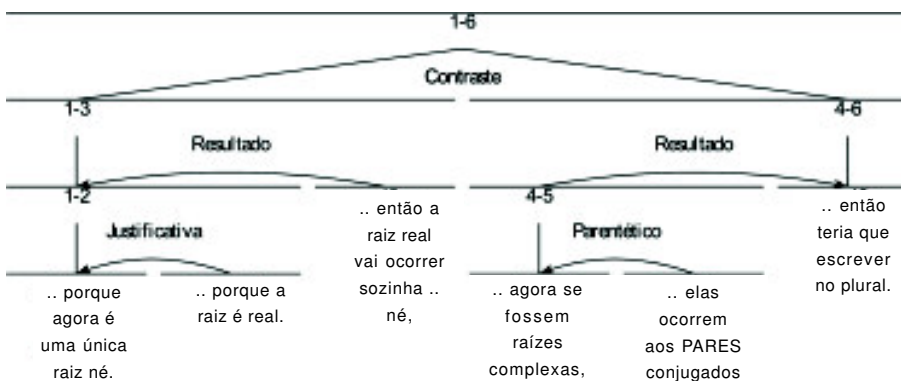


FIGURA 10 – Diagrama da estrutura retórica – encaminhamento de tópico pelo MD *agora*

O tópico desenvolvido na elocução formal (uma aula de matemática) é o cálculo de raiz. O contraste é estabelecido entre a porção de texto formado pelas unidades de 1 a 3, que trata da raiz real, que ocorre sozinha, e a porção de texto formada pelas unidades de 4 a 6, que trata das raízes complexas, que ocorrem conjugadas. O informante trata os dois tipos de raízes como tendo não só características comuns (são raízes, afinal), mas também características opostas (uma ocorre sozinha, a outra ocorre conjugada), o que confere plausibilidade à atribuição da relação de contraste. No que diz respeito às relações que aparecem no diagrama, observa-se que a unidade 2 é um ato de fala utilizado pelo professor para justificar por que ele considera a raiz única. A unidade 3 é um satélite que apresenta o resultado das unidades 1 e 2, ou seja, como a raiz é única (por ser uma raiz real), ela deve ocorrer sozinha. As unidades 4 e 5 apresentam a condição para a ocorrência da unidade 6, ao passo que a unidade 5 funciona como um adendo, uma inserção parentética ao conteúdo da unidade 4.

Na figura 11, encontra-se outro exemplo de ocorrência do MD *agora* sendo utilizado pelo informante para estabelecer contraste no encaminhamento do tópico. Trata-se de exemplo retirado de uma entrevista oral.

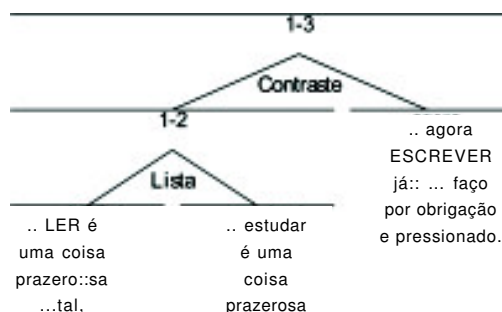


FIGURA 11 – Diagrama da estrutura retórica – encaminhamento de tópico pelo MD *agora*

No exemplo, o entrevistado fala sobre suas atividades como docente. Menciona seu apreço pela leitura e pelo estudo por meio de orações que apresentam essas duas atividades como tendo um mesmo estatuto (unidades 1 e 2). Em seguida, contrasta o prazer de ler e de estudar com a obrigação profissional de escrever (unidade 3). O contraste é marcado pelo MD *agora* iniciando a unidade 3.

Considerações finais

Neste trabalho, realizou-se uma investigação de um elemento gramatical (o item *agora*) levando-se em conta seus usos e seu funcionamento no nível textual, em um *corpus* formado por entrevistas orais e por elocuções formais. Dois planos de funcionamento distintos foram considerados: *agora* funcionando como advérbio de tempo e *agora* funcionando como marcador discursivo. Observou-se, após a quantificação dos dados, que o *agora* apresentou frequência de ocorrência mais alta como advérbio de tempo do que como MD no *corpus* da pesquisa.

Nas entrevistas orais, o uso mais frequente do *agora* é o de “na época atual” (66,66%) em razão da natureza do gênero investigado. Esses resultados podem ser explicados pelas referências a fatores da atualidade feitas pelos entrevistados para justificar os resultados que haviam obtido em suas pesquisas.

Nas elocuções formais, as frequências de ocorrência mais altas são do *agora* “neste momento ou período, prolongando-se para o período imediatamente seguinte a este” e do *agora* “neste momento”. Os informantes utilizaram o *agora* na condução da aula ou da apresentação do trabalho, indicando o que seria feito no momento seguinte ou o que deveria ser feito no momento da enunciação.

Funcionando como MD, o *agora* apresenta frequências de ocorrência semelhantes nas entrevistas orais e nas elocuções formais. As funções do MD *agora* foram analisadas à luz da RST e verificou-se que, ao atuar na abertura de tópico, o *agora* estabelece relação de elaboração entre uma porção de texto que funciona como núcleo e uma porção de texto que funciona como satélite e, ao atuar no encaminhamento de tópico, o *agora* estabelece relação de contraste entre porções de texto multinucleares.

Notas

* O presente artigo é resultado de projeto de pesquisa apoiado financeiramente pela Fundação Araucária do estado do Paraná.

¹ Tradução nossa.

² Os exemplos citados no trabalho foram retirados dos textos utilizados como *corpus* da pesquisa. Os critérios adotados na coleta do *corpus* serão apresentados detalhadamente no item *Procedimentos para coleta e quantificação dos dados*.

³ Tradução nossa.

⁴ Tradução nossa.

⁵ Tradução nossa.

⁶ Como não foi encontrada nenhuma ocorrência desse uso do *agora* no *corpus*, não haverá exemplo do *agora* “nos últimos tempos”.

Referências bibliográficas

BUTLER, C.S. *Structure and function: a guide to three major structural-functional theories*. Part 1: approaches to the simple clause. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 2003.

DIK, C.S. *The Theory of Functional Grammar*. Dordrecht: Foris, 1989.

FRASER, B. What are discourse markers? *Journal of Pragmatics* n. 31, p. 931-952, 1999.

KOCH, I.V. Linguística do Discurso: o salto qualitativo. In: *Anais do II Seminário do Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná*. Londrina: UEL, 1988. p. 200-212.

KOCH, I.V.; SOUZA E SILVA, M.C.P. Atividades de composição do texto falado: a elocução formal. In: CASTILHO, A.T.; BASÍLIO, M. (Org.). *Gramática do Português Falado*. v. IV: Estudos Descritivos. Campinas/ S. Paulo: Ed. da Unicamp/ Fapesp, 1996. p. 379-410.

MANN, W.C.; THOMPSON, S. A. *Relational propositions in Discourse*. ISI/RR-83-115, 1983.

MANN, W.C.; THOMPSON, S. A. *Rhetorical Structure Theory: a theory of text organization*. ISI/RS-87-190, 1987.

MANN, W.C.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory: toward a functional theory of text organization. *Text* v. 8, n. 3, p. 243-281, 1988.

MANN, W. C.; MATTHIESSEN, C. M. I. M.; THOMPSON, S. A. Rhetorical Structure Theory and text analysis. In: MANN, W. C.; THOMPSON, S. A. (Ed.). *Discourse description: diverse linguistic analyses of a fund-raising text*. Amsterdam/ Philadelphia: J. Benjamins, 1992. p. 39-77.

MATTHIESSEN, C.; HALLIDAY, M.A.K. *Systemic functional grammar: a first step into the theory*. 1997. Disponível em: <http://minerva.ling.mq.edu.au/resource/VirtuallLibrary/Publications/sfg_firststep/SFG_intro_New.html>. Acesso em: 5 fev. 2009.

- MATTHIESSEN, C.; THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.). *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988. p. 275-329.
- NEVES, M. H. M. Os advérbios circunstanciais de lugar e tempo. In: ILARI, R. (Org.). *Gramática do português falado*. v. II: Níveis de análise linguística. Campinas: Ed. da Unicamp, 1992. p. 261-296.
- NEVES, M. H. M. *A Gramática Funcional*. S. Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do português*. S. Paulo: Editora da Unesp, 2000.
- RISSO, M.S. Agora... o que eu acho é o seguinte. In: A.T. CASTILHO (Org.). *Gramática do Português Falado*. v. III: As abordagens. Campinas: Ed. da Unicamp/Fapesp, 1993. p. 31-60.
- RISSO, M.S.; SILVA, G. M. O.; URBANO, H. Marcadores discursivos: traços definidores. In: KOCH, I.G.V. (Org.). *Gramática do português falado*. v. VI: Desenvolvimentos. Campinas: Ed. da Unicamp, 2002. p. 21-57.
- SCHIFFRIN, D. Discourse markers: Language, meaning and context. In: SCHIFFRIN, D.; TANNEN, D.; HAMILTON, H.E. (Eds.). *The Handbook of Discourse Analysis*. Malden: Blackwell, 2001. p. 54-75.
- TABOADA, M. Discourse Markers as Signals (or Not) of Rhetorical Relations. *Journal of Pragmatics*, v. 38, n. 4, p. 567-592, 2006.
- VAN VALIN, R. D., JR. Functional linguistics. In: ARONOFF, M.; REES-MILLER, J. (Ed.). *The handbook of linguistics*. Malden: Blackwell Publishers, 2002. p. 250-263.